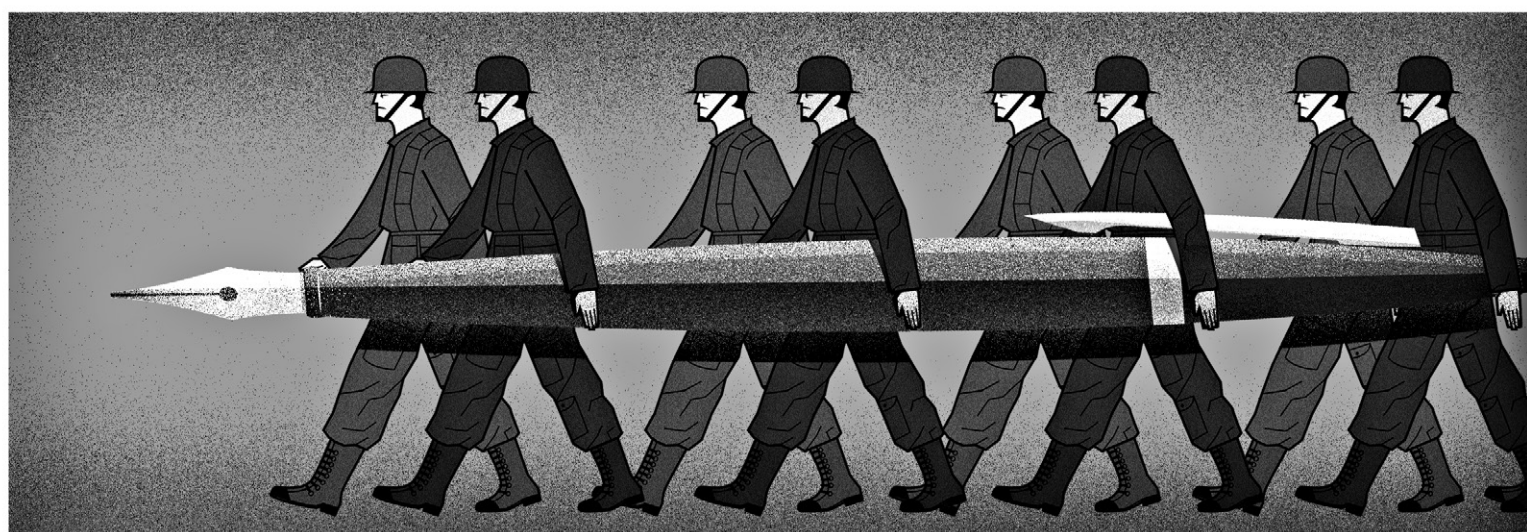
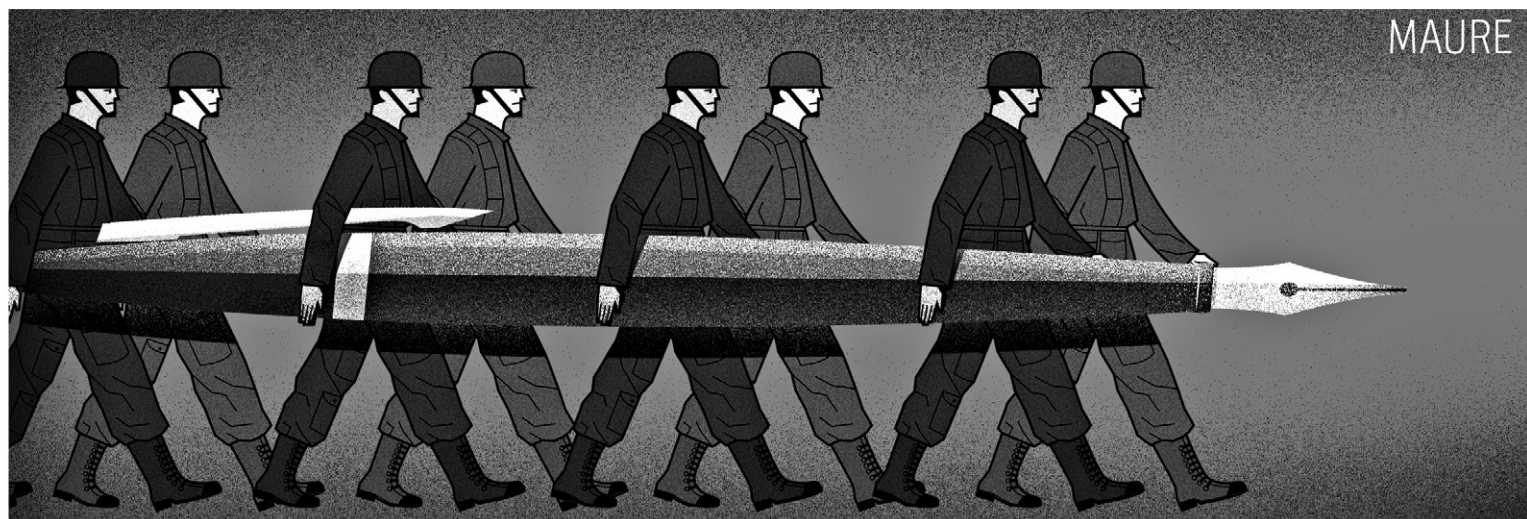


Aceitem a democracia! Como assim?



» ORLANDO THOMÉ CORDEIRO
Consultor em estratégia

Omês de novembro está sendo marcado por inúmeros acontecimentos importantes, no Brasil e no mundo. Logo na primeira semana, ocorreu a esmagadora vitória de Trump nas eleições norte-americanas, fazendo maioria no voto popular, no Senado e na Câmara e provocando muita preocupação para as democracias ocidentais.

Por aqui, foi possível ler um artigo assinado pelo ex-presidente, publicado na edição de segunda-feira, 11, da *Folha de S. Paulo*, com o título *Aceitem a democracia*. Claro que, ao nos depararmos com o título e sua conclamação à aceitação, poderíamos ter diversas reações. A minha foi querer enviar para ele uma caixa de óleo de peroba para lustrar a cara de pau daquele que se recusa, até hoje, a reconhecer o resultado eleitoral de 2022. Aliás, o subtítulo poderia ser “me engana que eu gosto”.

Porém, nada como um dia após o outro. Na quarta-feira seguinte, no início da noite, Brasília foi sacudida por um atentado cometido por um homem que descobriu-se ser um filiado ao PL e que já vinha preparando há algumas semanas a ação terrorista.

Horas depois, em depoimento à PF, sua ex-mulher informou que os dois estiveram juntos nos acampamentos em frente aos quartéis em 2022 e que o atentado era planejado há muito tempo pelo chaveiro, com o objetivo de assassinar o ministro Alexandre de Moraes. Sendo impossível negar o fato, o ex-presidente e seus apoiadores no Congresso e nas redes passaram a tratar o terrorista como um

desequilibrado, procurando se desvincular politicamente de qualquer relação.

Entretanto, o acontecimento mais impactante ainda estaria por vir. Na manhã da terça-feira desta semana, oito dias após a publicação do supracitado artigo, a Polícia Federal prendeu quatro oficiais do Exército — um general de brigada e três coronéis —, além de um agente da própria PF, por envolvimento com a tentativa de golpe.

Pudemos acompanhar notícias verdadeiramente aterradoras e repugnantes que traziam a público o plano urdido pelos presos para assassinar, em dezembro de 2022, o presidente eleito Lula, seu vice, Geraldo Alckmin, e o ministro Alexandre de Moraes. Não bastasse o plano em si, descobriu-se que reuniões para planejamento dos crimes aconteceram no Palácio do Planalto e na residência do general Braga Netto.

Todos esses fatos trouxeram à baila avaliações de jornalistas, parlamentares, dirigentes partidários, sobre a viabilidade política do projeto de anistia aos criminosos de 8 de janeiro. Há uma expectativa de que não seja levado adiante, mas ninguém ainda cravou que será enterrado.

E como tem sido a reação de apoiadores do ex-presidente? Agindo como quem prefere não enxergar, começaram, como de hábito, a compartilhar publicações com versões fantasiosas sobre a investigação. Nada diferente das tentativas daquela narrativa amplamente divulgada por eles querendo responsabilizar “infiltrados de esquerda” pelos atos golpistas de 8 de janeiro.

A verdade é que, a cada fase da investigação, mais próximo do ex-presidente ela vai

chegando. Tudo indica que, em breve, veremos o indiciamento dos generais Braga Netto e Augusto Heleno.

Cabe ressaltar que, dos mais de mil presos pelo 8/1, a ampla maioria foi condenada a cumprir penas alternativas e cerca de 30 foram punidos com 12 a 17 anos de prisão. Muita gente, para além da bolha de apoiadores do ex-presidente, tem questionado o tamanho das penas aplicadas, mas elas seguem a Lei nº 14.197/2021, que trata dos crimes contra as instituições democráticas.

O artigo 359-L prevê que tentar, com emprego de violência ou grave ameaça, abolir o Estado Democrático de Direito tem uma pena de reclusão entre quatro e oito anos, além da pena correspondente à violência. Já o artigo 359-M prevê que tentar depor, por meio de violência ou grave ameaça, o governo legitimamente constituído, tem uma pena de reclusão entre quatro e 12 anos, além da pena correspondente à violência. A soma das penas máximas ali previstas pode chegar a 20 anos.

Infelizmente, ainda não há consenso na sociedade quanto à gravidade de crimes cometidos contra a democracia. Tal percepção é reforçada pela parcela da população saudosista da ditadura. Por isso, é fundamental que se continue a investigação de modo a chegar aos verdadeiros idealizadores e responsáveis pelo comando das ações golpistas.

E essa lista de investigados, muito provavelmente, será completada com a presença de sua maior liderança. Dessa forma, aquele artigo publicado em 11 de novembro confirmará o dito popular: “Faça o que digo, e não o que faço”.

Visto, lido e ouvido

Desde 1960

Circe Cunha (interina) // circecunha.df@dabr.com.br

Zombando da sorte

Muitas são as previsões acerca do futuro da inteligência artificial (IA). Grande parte delas acena para a possibilidade de um dia essa criação humana vir a tomar o lugar do homem em muitas atividades. O verbo aqui é justamente tomar e não substituir, uma vez que esse novo ser tecnológico, por suas características autômatas, não terá problema algum em colocar o homem de lado, tal como fazem hoje os ateus em relação à existência divina.

Talvez, por razões cármicas, a inteligência artificial também venha a duvidar da própria existência humana. Se a máquina a vapor pôde, por suas potencialidades, criar toda uma revolução, capaz de virar de cabeça para baixo os caminhos da civilização, que dirá de uma inteligência diretamente inserida no coração da máquina? Outra revolução desponta no horizonte, capaz até de subjugar o homem.

Talvez esse seja o verdadeiro deus ex-machina, ou o deus surgido da máquina, que apresentará como solução inesperada ou extraordinária o fim da dominação humana sobre o planeta. É preciso estar preparado para o que está por vir. Não que isso fará grande diferença, mas pelo menos excluem as surpresas impensadas. Por certo, chegará o momento em que a IA também, por seus meios, experimentará a tal maça da árvore da ciência, do bem e do mal. Só que nesse tempo, quem será expulso do paraíso, e pela segunda vez, serão os homens, com sua eterna mania de brincar de deus.

Desde os primeiros passos dados em 2019, a OpenAI alertava para os perigos dessa invenção. De lá para cá, essa criação se espalhou pelo planeta, inclusive para países em que a ética na ciência simplesmente inexistiu, podendo avançar a IA a patamares que visam à eliminação de inimigos do regime ou sistema. É fato que a IA vem sendo largamente empregada nas guerras atuais, quer no Oriente Médio, quer no conflito entre Rússia e Ucrânia. Mesmo em campos como a engenharia genética, assiste-se ao emprego da IA para acelerar pesquisas e novas possibilidades.

Talvez também estejamos diante da maior revolução no campo das ciências deste século 21. Observem que toda essa reviravolta está apenas no começo, dando seus primeiros passos. Certo é que, desde seu aparecimento, a IA vem tendo sua capacidade de raciocínio aumentada de forma exponencial. Enquanto o mundo vai sendo sacudido com esse novo “brinquedo” humano, no Brasil, o país inzoneiro, onde tudo parece se transformar numa espécie de comédia trágica, a inteligência artificial ganha novas utilidades, mais afeitas ao jeitinho local e à mandrince hereditária.

Dias atrás, foi revelado que cartomantes ou videntes, que vivem de vender previsões sobre o futuro de seus clientes, têm se utilizado da IA ou de chats como o GPT para formular suas antevistas. Há ainda entre nós quem recorre à IA para fazer a fezinha nos jogos. Mais incrível ainda é a existência de brasileiros que recorrem à IA em busca de conselhos do tipo sentimental, procurando conforto espiritual nos logaritmos e no raciocínio lógico.

Outros brasileiros têm recorrido à IA para levar conforto espiritual aos crentes, dentro dessas novas correntes religiosas. Amantes buscam respostas para o coração. Pastores religiosos, para as incertezas da alma e vigaristas buscam caminhos rápidos e matreiros para encherem os bolsos. De fato, no Brasil nada é levado a sério ou ao pé da letra. Até a coxinha de galinha é feita com outras carnes. Talvez por essa razão, ou graças a ela, não sentiremos de imediato os efeitos imprevisíveis do advento da IA, como o restante do mundo. Mas obviamente que esse dia também chegará. Na avaliação dos mais despertos, a IA produzirá seus frutos danosos no dia em que for incorporada à política local e aos sistemas de governo. Nesse dia — tomara que nunca chegue —, os brasileiros começarão a experimentar os limites da ficção distópica, descritas em obras como *1984* de Orwell. Neste dia, a IA terá se transformado em algo, como ai, ai, de nós, que zombamos da sorte.

A frase que foi pronunciada

“Antes de trabalharmos na Inteligência Artificial, porque não fazemos algo sobre a estupidez natural?”

Steve Polyak

» História de Brasília

Às vésperas da inauguração da cidade, o dr. Israel Pinheiro mandou fazer a “operação limpeza”. Foram retirados das avenidas dos eixos cinquenta caminhões cheios de setas que indicavam os acampamentos e as firmas. (Publicada em 21/4/1962).

Gestão exemplar e UnB consolidada

» VOLNEI GARRAFA

Doutor em ciências com pós-doutorado em bioética, é professor emérito da Universidade de Brasília (UnB)

Com mais de 60 anos de vida, a Universidade de Brasília (UnB) ocupa lugar de reconhecido destaque entre as instituições de ensino superior no Brasil e na América Latina. Um dos orgulhos de Brasília, ela figura hoje entre as organizações públicas mais respeitadas e queridas da capital do país.

Criada em 1961, no período anterior ao golpe de 1964, com a missão de reestruturar a educação superior brasileira, a UnB passou por episódios de apreensão e angústias que variaram de invasões policiais a greves de resistência a força bruta e cortes orçamentários, do “desaparecimento” de estudantes a demissões e exílios de professores, de intervenção militar na sua condução a conquista de eleições democráticas para sua reitoria a partir de 1985. Todas essas experiências, historicamente acumuladas, acabaram servindo de estímulo ao seu aprimoramento e sua consolidação neste início de século 21 como a mais importante universidade da região central do país.

Nessa trajetória, a UnB passou mais de meio século até o dia de uma mulher ser eleita para seu cargo mais importante. Márcia Abrahão Moura, que encerra, nesta semana, oito anos de gestão, conseguiu com rara habilidade e permanente empenho congregar os requisitos indispensáveis à condução de uma universidade de tamanho porte: reconhecimento acadêmico por seus pares, capacidade gestora, habilidade política e coragem pessoal.

O reconhecimento acadêmico foi natural, ancorado na sólida formação profissional adquirida em área avaliada entre as mais qualificadas da UnB, a geologia. Na UnB, exerceu os principais

cargos administrativos, desde diretora do Instituto de Geociências até decana de Ensino de Graduação, quando coordenou o Programa de Reestruturação e Expansão das Universidades Federais (Reuni), a ampliação do câmpus de Planaltina e a criação dos campi do Gama e Ceilândia. Mais recentemente, entre 2021 e 2024, foi também diretora e, depois, presidente da Associação Nacional dos Dirigentes das Instituições Federais de Ensino Superior (Andifes).

A capacidade gestora é também requisito decisivo para um bom mandato. Nesse sentido, Márcia Abrahão foi testada durante todo seu período à frente da Reitoria. Além dos cortes de recursos, especialmente para custeios das chamadas “despesas correntes”, enfrentou o espinhoso período da pandemia mundial de covid-19. Com determinação e firmeza, organizou as ações institucionais necessárias que lograram minimizar as agudas situações, recuperando o calendário acadêmico e o andamento das metas educacionais na graduação e pós-graduação no menor tempo possível. Tendo assumido a UnB com quase duas dezenas de obras inconclusas, cuidou de terminá-las, buscando diferentes formas de captação de recursos.

Uma gestão à frente da universidade federal sediada na capital do país não seria exitosa se quem a conduzisse não tivesse a necessária habilidade para transitar em diferentes espaços políticos, ligados aos poderes Executivo, Legislativo e Judiciário, à sociedade civil e às forças armadas e policiais. As articuladas posições da reitora frente às tentativas de desmonte das universidades, especialmente nos anos iniciais da sua

gestão, foram exemplares no contexto nacional da luta em defesa do ensino público, gratuito e de qualidade.

Por outro lado, não foram poucos os recursos captados junto ao governo federal ou a parlamentares por meio de emendas legislativas, projetos específicos e outras formas de captação. Situações delicadas, como os repetidos atos de violência no câmpus, especialmente contra mulheres no período noturno, praticamente desapareceram a partir de soluções — algumas simples, outras mais complexas — definitivas para problemas até então recorrentes.

O último requisito para o exercício de um mandato exitoso é a coragem pessoal, característica que Márcia Abrahão demonstrou permanentemente durante seus dois mandatos. Basta recordar o desafio que foi a criação de novas formas de ingresso na universidade tendo como referência o princípio da equidade. A UnB avançou na seara da abertura de cotas especiais destinadas a grupos de pessoas excluídas, como a população negra e quilombola, LGBTQIA+, e, mais recentemente, com vagas específicas a pessoas acima dos 60 anos, iniciativa nacionalmente pioneira.

A universidade passou democraticamente por eleições que definiram seus rumos para os próximos quatro anos. Ao mesmo tempo em que os novos dirigentes encontrarão uma instituição academicamente consolidada, financeiramente organizada e com respeitabilidade nacional reconhecida, receberão a nobre tarefa de manter as conquistas já consolidadas, além do compromisso histórico que já é marca da UnB: avançar sempre e com qualidade.